

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

# TODA NUDEZ SERÁ DEBATIDA: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO MIDIÁTICA EM UMA MOSTRA CINEMATOGRÁFICA

Ana Luiza Rodrigues, [analurodriguz@gmail.com](mailto:analurodriguz@gmail.com)<sup>1</sup>

Lia de Lima Junqueira, [lajunqueiralima@gmail.com](mailto:lajunqueiralima@gmail.com)<sup>2</sup>

Maria Clara Soares, [mariaclarasoaresrodrigues@gmail.com](mailto:mariaclarasoaresrodrigues@gmail.com)<sup>3</sup>

Sophia Helena Ribeiro, [sophiaahelena@gmail.com](mailto:sophiaahelena@gmail.com)<sup>4</sup>

Karina Gomes Barbosa, [karina.barbosa@gmail.com](mailto:karina.barbosa@gmail.com)<sup>5</sup> (orientadora)

## RESUMO

Como o sexo é representado no cinema? O que é a pornografia? Estas são questões que interessam – e dividem – estudos feministas e de sexualidade há décadas. A partir disso, o projeto *Ariadnes*, da Universidade Federal de Ouro Preto, promove debates sobre gênero, sexualidade e mídia, com foco em uma comunicação mais inclusiva e crítica. Em 2024, o projeto organizou a mostra cinematográfica "Toda Nudez Será Castigada", que discutiu a representação do sexo no cinema, abordando temas como a marginalização de corpos, diversidade sexual e a resistência de valores conservadores. O evento buscou incentivar a reflexão sobre as normas de gênero e sexualidade no audiovisual, construindo pensamento crítico e literacia midiática. Esse artigo busca apresentar a interseção entre pesquisa e ação nesta intervenção social, assim como elucida o caráter educativo das escolhas de filmes e dos temas para debates.

## PALAVRAS-CHAVE

observatório de mídia. discursos de ódio. sexo. cinema e audiovisual.

## 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Estudante de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), bolsista de Iniciação Científica (CNPq) e redatoria no projeto *Ariadnes*.

<sup>2</sup> Estudante de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), pesquisadora, redatoria no projeto *Ariadnes* e bolsista do Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência (PIDIC).

<sup>3</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) e mestrandra do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop).

<sup>4</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), bolsista do programa de Incentivo à Diversidade e Convivência (PIDIC) da Rede de Mulheres Andorinhas e redatoria voluntária no *Ariadnes*.

<sup>5</sup> Doutora em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do curso de Jornalismo e pesquisadora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Coordenadora do *Ariadnes* e orientadora do trabalho.

O projeto *Ariadnes*,<sup>6</sup> criado em 2018 e retomado em 2023, integra o Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência (PIDIC) da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Ouro Preto (Prace-Ufop) e, a partir de 2024, também faz parte das ações extensionistas da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proex-Ufop). Com financiamento da Chamada Universal 2021 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), como projeto de pesquisa e intervenção social, o *Ariadnes* constitui-se como um observatório interdisciplinar que articula gênero, mídia e sexualidade, abordando temas como violência e infância, vinculado ao curso de Jornalismo da Ufop. Nosso objetivo é desenvolver discussões críticas sobre como as normas e performatividades de gênero e sexualidade são construídas e reforçadas pelos produtos midiáticos (*Ariadnes*, 2025).

Considerando a dimensão pedagógica da mídia em nossas vidas e seu papel no processo de constituição dos sujeitos (Gomes Barbosa; Souza, 2019), compreendemos que a educação midiática com recorte de gênero e sexualidade é essencial para promover uma comunicação mais inclusiva e crítica, inclusive tendo em vista a comunicação como um direito humano. Por isso, buscamos habilitar um consumo participativo e cidadão dos produtos midiáticos, além de propor melhorias nas coberturas jornalísticas e formar comunicadoras e comunicadores com perspectiva crítica de gênero, capazes de atuar de forma respeitosa e assertiva no campo.

Ao longo de toda nossa atuação, articulamos a ação à pesquisa, seja por meio de reuniões semanais de trabalho e de pauta, nas quais discutimos conceitos fundamentais para nossa atuação, seja por meio de reuniões dedicadas à leitura de autoras e autores importantes para a perspectiva gendrada. Além disso, há integrantes do projeto que fazem Iniciação Científica; que produzem Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) na área; ou que estão no mestrado em Comunicação da Ufop. Desse modo, a interseção e indissociabilidade da ação e da pesquisa funda e fundamenta nosso trabalho.

Neste texto, discorremos sobre os conceitos que embasaram a realização de uma mostra cinematográfica no ano de 2024, dentro das ações de formação do

---

<sup>6</sup> Ver: <https://ariadnes.org>. Acesso em 15 de março de 2025.

*Ariadnes*; descrevemos como a mostra ocorreu; e como nossa fundamentação teórico-conceitual se refletiu nos debates de cada sessão.

## **2. POR QUE UMA MOSTRA CINEMATOGRÁFICA?**

Um dos pontos que suscitaram a realização desta mostra de cinema foi a percepção do aumento crescente de extremismos conservadores, que visam banir toda e qualquer manifestação de diversidade sexual da cultura, sob o argumento que são impróprias e estigmatizantes. Isso limita as possibilidades que as produções audiovisuais têm de nos causar sensações e incômodos, além de tentar “padronizar” à heterossexualidade compulsória (Rich, 2012) as representações dos desejos, que são múltiplos e diversos. A marginalização das diversas representações sexuais no cinema, assim como em outras formas de mídia, está diretamente ligada a uma dinâmica cultural e social de controle, em que normas de comportamento e moralidade são frequentemente reforçadas, principalmente em relação aos corpos femininos e LGBTQIAPN+.

Outra perspectiva desenvolvida dentro da mostra foi questionar o papel social e pedagógico do jornalismo. Neste sentido, Fischer (2002) argumenta que a mídia é um lugar “extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos” e quais comportamentos devemos seguir. A autora acrescenta que é cada vez mais difícil negar a mídia como um espaço de formação, assim como as instituições religiosas, familiares e educacionais. Partindo dessa concepção, idealizamos eventos que visavam conscientizar futuras e futuros jornalistas a não reproduzir preconceitos de gênero, raça, capacitistas e especialmente de sexualidade.

Ainda nessa perspectiva, quando pensamos no papel do jornalismo na alfabetização midiática/crítica da sociedade, entendemos que a/o jornalista não apenas informa, ele tem um papel central na construção de olhares, interpretações e questionamentos. Pensando nisso, é imprescindível que a formação dos profissionais da imprensa incorpore debates decoloniais, interseccionais e de gênero, para que

sejam formadas/os jornalistas comprometidos/as com causas sociais e, especialmente, focados em combater preconceitos na área, tendo um olhar crítico e gendrado.

Pensando nisso, a curadoria da mostra assume um viés eminentemente comunicacional ao provocar futuros profissionais a refletirem sobre práticas de apuração, seleção de fontes e enquadramentos narrativos que rompam com estigmas e favoreçam narrativas inclusivas. Exibir e debater filmes que tratam de questões de gênero e sexualidade coloca o jornalismo na linha de frente da resistência cultural, ao oferecer ferramentas para que estudantes de jornalismo desenvolvam competências críticas de análise de discurso, reconhecimento de vieses, maneiras de enquadrar e interpretar corpos femininos e empatia jornalística. Essa articulação entre cinema e jornalismo contribui diretamente para a alfabetização midiática, preparando comunicadores capazes de atuar de forma mais responsável, questionadora e inovadora no campo, fortalecendo o compromisso ético de olhar para as minorias e ampliar o alcance da cobertura para além dos estereótipos sobre a sexualidade das mulheres e outras pessoas que compõem grupos historicamente minorizados.

Compreendemos sexualidade como “as várias possibilidade de viver prazeres e desejos corporais” que não são apenas pessoais, mas também sociais e políticas (Louro, 2000, p. 9). Para Guacira Lopes Louro, essas práticas são sugeridas, anunciadas, e, atualmente, socialmente mais explícitas que em outros momentos. São, também, reguladas, condenadas, negadas, interditadas. Elas são, ainda, construídas, por toda a vida, pelos sujeitos, que as aprendem a partir de normas repetidas, questionadas e internalizadas. A sexualidade se expressa de diversas maneiras, como por meio de símbolos, convenções, rituais, linguagens (Louro, 2000): é essa diversidade de expressões de desejos e prazeres que está sob ataque a partir de movimentos que buscam marginalizá-los, erradicá-los ou suprimi-los em nome do resgate de uma mítica naturalidade do regime de sexualidade.

Uma consequência evidente desse pensamento são os resultados obtidos a partir de uma pesquisa realizada pelo Centro para Acadêmicos e Contadores de História – *The Center for Scholars & Storytellers* (CSS) –, da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA) em 2024, *Teens and Screens* (Adolescentes e Telas),

a qual explicita que os jovens da geração Z não se sentem confortáveis diante de cenas de sexo e nudez em obras audiovisuais ou as consideram desnecessárias. O levantamento foi feito com 1644 pessoas e, quando questionadas sobre a importância ou mesmo existência de conteúdo sexual nas narrativas, 62,4% das pessoas afirmaram “não ser necessário” para as tramas.

Essa resistência à sexualidade nas telas evoca não apenas uma reação adversa à exposição de corpos e intimidades, mas também uma manifestação política contra os sentidos que emergem a partir de representações de nudez ou do sexo. Tal contexto nos leva a questionar: por que as representações sexuais – comuns nas experiências humanas – estão sendo tão marginalizadas, a ponto de serem vistas em sua totalidade como negativas?

Para Stuart Hall (2016), as imagens que vemos ao nosso redor nos ajudam a compreender o funcionamento do mundo em que vivemos, isto é, por meio do contato com produtos cinematográficos, é possível compreender quais os costumes, normas e características constroem determinada sociedade. Nesse sentido, se as produções audiovisuais deixam de explicitar aspectos naturais das vivências humanas, como os desejos, os corpos (nus) em sua diversidade e as práticas性uais em seus mais variados modos, a apreensão da riqueza cultural da sociedade é cada vez mais limitada (especialmente aos conteúdos com viés conservador e de direita). Buckingham (2019) ainda acrescenta acerca da necessidade de os usuários de mídia tornarem-se cada vez mais críticos, autônomos e competentes, especialmente por vivermos em um contexto de grande circulação midiática.

Nessa perspectiva, Isabel Wittmann (2022, doc. s/pag.) pontua que sempre associar um corpo erótico à objetificação “implica na crença de que nenhuma pessoa, nunca, tenha algum desejo que perpassasse seu corpo. Implica, mesmo, até no julgamento moral sobre fetiches”. A autora complementa que excluir a presença de elementos acerca dos quais podemos criticar, problematizar e desenvolver novas perspectivas é “como jogar o bebê fora com a água do banho”.

Foi com esse olhar que organizamos a mostra de filmes *Toda Nudez Será Castigada*. A iniciativa foi idealizada com o intuito de contribuir para a formação de olhares críticos e para a educação midiática com perspectiva de equidade de gênero e

sexualidade, articulando teoria e prática em um espaço democrático de discussão. O título, inspirado na peça de Nelson Rodrigues, é uma provocação que nos convida a refletir sobre a presença do sexo no cinema e as tensões e contradições que suas representações suscitam. A partir da popularização do cinema comercial e da crescente presença de cenas de sexo em produções contemporâneas, levantamos questões essenciais: todo sexo é pornográfico? O olhar é sempre masculino? A arte precisa se justificar? O que acontece quando o desejo e o prazer são silenciados ou normatizados na tela? De onde surgem esses discursos repletos de moralidade conservadora e, muitas vezes, punitiva?

Com sessões semanais realizadas entre 16 de agosto e 11 de outubro de 2024, às sextas-feiras, no campus do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA/Ufop) em Mariana-MG, a mostra criou um espaço de reflexão crítica sobre a mídia e suas interfaces com gênero e sexualidade. A cada obra exibida, a pessoa debatedora produzia uma crítica de mídia, publicada em nosso site, uma sinopse pessoal e um vídeo apresentando a sessão. Também estávamos atualizando uma lista no *Letterboxd*<sup>7</sup> condensando nossas impressões críticas, a fim de consolidar e perpetuar a intervenção social. As exibições, seguidas de debates mediados pela equipe do projeto, possibilitaram a participação do público, que se mostrou bastante interessado. Houve emissão de certificado de 24 horas para quem compareceu a, pelo menos, 75% das sessões, demarcando um estímulo para a continuidade da presença e perpetuação do pensamento crítico em relação às produções audiovisuais.

A mostra, então, consolidou-se como um evento importante no fomento à alfabetização midiática, definida por Livingstone (2004, p. 287-314) como sendo “a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens através de uma variedade de contextos”. A pesquisadora enfatiza que, “como a mídia permeia cada vez mais as relações na sociedade, há uma ênfase crescente na importância de garantir que as pessoas tenham a alfabetização midiática não apenas para interagir com a mídia, mas para se envolver com a sociedade pela mídia” (Livingstone, 2004, p. 287-314). Conjuntamente, para Buckingham (2019), é fundamental incentivar uma reflexão

---

<sup>7</sup> Veja mais em <https://boxd.it/bOLgZ>. Acesso em 15 de março de 2025.

crítica sobre a mídia e a tecnologia, considerando como esses instrumentos moldam a representação do mundo e constroem significados a partir destes.

### **3. A MOSTRA DE CINEMA**

Segundo o texto “Contribuições da media literacy para a avaliação crítica de fontes de informação midiáticas”, de Mariana Pícaro Cerigatto e Helen de Castro Silva Casarin (2017), para trabalhar com as mídias e seus conteúdos de forma avaliativa, crítica e reflexiva, primeiro, é necessário compreender como os recursos de linguagem presentes em um determinado conteúdo midiático geram significados. Tal argumento é ressaltado por Hall (2016), que explica o processo de codificação e decodificação, a partir do emprego de um código, que produz uma ‘mensagem’, e, em um momento posterior, essa ‘mensagem’ será refletida nas práticas sociais por meio de sua decodificação. O código utilizado é um dos elementos fundamentais para a construção de sentido em filmes, documentários, notícias, entre outros. Esses conceitos fornecem um caminho para avaliar diferentes fontes midiáticas de informação.

Assim, ao utilizar produtos audiovisuais como objetos de nossa mostra, é imprescindível realizar uma avaliação crítica do conteúdo e levar em consideração todo o entorno social e político que o enreda. Ou seja, é importante considerar o contexto de produção, os bastidores e os valores dos indivíduos envolvidos na obra, além de perceber para que audiência aquele conteúdo está sendo direcionado, para que seja possível compreender quais sentidos estão sendo construídos<sup>8</sup>.

Os filmes exibidos em ordem cronológica foram: *A Criada* (Park Chan-wook, 2016); *Pobres Criaturas* (Yorgos Lanthimos, 2023); *O Império dos Sentidos* (Nagisa Ōshima, 1976); *Love* (Gaspar Noé, 2015); *O Último Tango em Paris* (Bernardo Bertolucci, 1972); *A Lei do Desejo* (Pedro Almodóvar, 1987); *Um Copo de Cólica*

<sup>8</sup> É interessante pensar ainda como produções nacionais possuem a capacidade de aprofundar ainda mais esses debates; justamente por serem próximas de nosso cotidiano e formas de organização, as obras atuam como norteadoras e podem elucidar as discussões com dimensões semelhantes às quais estamos habituadas.

(Aluizio Abranches, 1999); e *De Olhos Bem Fechados* (Stanley Kubrick, 1999). Todos eles apresentavam provocações e visões diferentes sobre o sexo, o corpo e temas relacionados às vivências da sexualidade; porém, com algo em comum: a presença da nudez. Os oito longas escolhidos saíram de uma lista com 30 filmes que discutem sexo e nudez no cinema; entre os critérios de escolha estiveram a disponibilidade em DVD ou serviços de *streaming* e a variedade de práticas sexuais representadas.

*A Criada*, o primeiro filme da mostra, é uma produção de 2016, dirigida por Park Chan-Wook e estrelada por Kim Min-Hee (Hideko) e Tae-ri Kim (Sook-Hee). O longa trata de um enredo complexo e repleto de reviravoltas surpreendentes, em que disputas financeiras e de poder desembocam em um romance inesperado entre Hideko e Sook-Hee. A narrativa começa quando Fujiwara (Jung-woo Ha) – um golpista que deseja conquistar a condessa Hideko para ficar com sua fortuna – contrata Sook-Hee para se passar por uma criada e lhe ajudar com o plano. Mas, ao longo do filme, a trama se desenrola de modo diferente, uma vez que as mulheres se afeiçoam, romântica e sexualmente. As cenas eróticas das duas são envolventes e cheias de desejos, que, inicialmente, são explicitadas por meio de toques e olhares específicos (evidenciados a quem assiste pelos movimentos de câmera). Ao longo do filme, as cenas sexuais entre elas se intensificam e são calorosas, ao mesmo tempo em que brincam com a fronteira entre o implícito e o explícito.

Um ponto ressaltado quando discutimos esse filme em nossa mostra é que, ao contrário do que pensa o discurso conservador, as cenas de objetificação sexual das mulheres não necessariamente precisam conter nudez. Em *A Criada*, por exemplo, Hideko é vista como símbolo sexual ao ler livros pornográficos para homens ricos, mas não nas cenas de sexo em que seu corpo está completamente nu. Além disso, pensamos também sobre os aspectos técnicos da produção. Um deles diz respeito ao fato do diretor do longa, Park Chan-Wook, ter proibido homens no set nas gravações de cenas de sexo, para que as atrizes ficassem confortáveis e relaxadas.

O segundo filme exibido foi *Pobres Criaturas* (*Poor Things*, no título original), de 2023 e dirigido por Yorgos Lanthimos. O longa, que é protagonizado por Emma Stone – também produtora da obra –, Mark Ruffalo e Willem Dafoe, conta a história de uma mulher que, ao tentar tirar sua própria vida, é ressuscitada por um médico e

torna-se um “experimento” dele. Com isso, Bella Baxter (Stone) fica num corpo adulto com mente de criança, que se desenvolve a cada dia a partir das suas experiências no mundo. Quando um dos alunos – Max McCandles (Ramy Youssef) – do Dr. Godwin Baxter (Dafoe) começa a participar do estudo, ele oferece a mão da moça para que se casem – mas com uma condição: nunca sair de perto do “pai”.

É interessante como as relações dos personagens nos mostram um apelo “cru” ao sexo e ao exercício da sexualidade, principalmente em Bella, que, por ter a mente infantil, enxerga tudo com certa naturalidade e inocência, não compreendendo ironias e complexidades da “sociedade polida”. E isso diz muito sobre a maneira como Bella enxerga e vivencia o sexo, não somente como uma experiência prazerosa, mas também como potente formadora da identidade dela, que toma boa parte da trama. Além disso, outro ponto levantado no debate da mostra é sobre a estranheza que sentimos ao observar Bella em seu desenvolvimento. Talvez esse tenha sido um dos motivos para as críticas, pois, até o voyeurismo – quando uma pessoa tem prazer com a observação de relações sexuais alheias – ficou deslocado ali. As cenas não são “convidativas” ou atraentes, e isso pode ter deixado alguns espectadores frustrados.

*O Império dos Sentidos*, dirigido por Nagisa Ōshima, de 1976, tematiza o limite do prazer sexual, com práticas nada convencionais. Protagonizado por Eiko Matsuda (Sada Abe) e Tatsuya Fuji (Kichizo Ishida), o filme utilizou a técnica de cenas não simuladas de sexo, o que intensifica as experiências tanto de quem assiste, quanto dos próprios atores. O drama erótico entrelaça elementos ficcionais à história real do romance entre Sada e Kichizo, que aconteceu em 1936, e encontra, no sexo, o fio condutor para estabelecer um discurso sobre a história de uma nação que tem o sexo como parte do imaginário cultural – uma vez que o Japão possui uma forte produção literária erótica –, agora nas telas do cinema.

Com noites ininterruptas de sexo, apresentadas explicitamente na produção, a narrativa, que é ancorada nos estímulos dessas relações, se consolida. A crítica de cinema Dana Stevens (2013) afirma: “*O Império dos Sentidos* não é sobre sexo. Ele é sexo”. Assim, o filme traz diversas propostas para experiências sensoriais a quem está assistindo. Como o quarto do casal com cheiro forte do sexo ininterrupto, que eles se recusavam a interromper, o público é inserido no obsceno. No cômodo com os

personagens, o espectador é convidado a participar dos estímulos sexuais realizados a partir do uso de comidas e da recusa da jovem de pausar o ato nem mesmo para seu parceiro dormir.

Dando continuidade às exibições, *Love*, dirigido por Gaspar Noé, foi a quarta obra a ser apresentada. O drama, de 2015, teve, e ainda tem, muita repercussão no cinema devido às cenas de sexo explícito e dos relacionamentos controversos dos personagens. A trama conta a história do diretor de cinema Murphy (Karls Glusman), frustrado com sua vida atual, em que está com Omi (Klara Kristin) após ter um bebê, intercalando lembranças dele ao lado de sua ex-namorada Electra (Aomi Muyock). Abordando os desejos e experiências eróticas na vida do ex-casal a partir da perspectiva do protagonista, o filme perpetua uma visão masculina, vitimizada e possessiva do amor e das relações. Nas palavras do próprio diretor, através do personagem principal, a proposta é “fazer um filme que realmente transmite os sentimentos do sexo”.

*O Último Tango em Paris*, de Bernardo Bertolucci, foi lançado em 1972 e ainda hoje é uma obra divisiva: tem quem ame, tem quem rechace. No longa, uma jovem de 19 anos (Maria Schneider) e um homem de meia-idade (Marlon Brando) mantém uma relação erótica em um apartamento arruinado em Paris. Naquele espaço, entram em jogos sexuais nos quais a fantasia é protagonista, até que o encanto se rompe de modo trágico. O fascínio pelo filme também parece ter se rompido diante das controvérsias e violências que cercam sua produção, o que nos coloca diante de dilemas da crítica cultural. Chamou a atenção de quem assistiu ao filme o fato de que apenas a mulher surgia nua no filme (em diversas cenas) em contraposição a um Brando sempre vestido. A cena do estupro se mostrou profundamente perturbadora, especialmente para as espectadoras presentes à sessão. No debate, quando o contexto da produção foi discutido, o fato de a atriz Maria Schneider não ter sabido que a cena seria feita, ainda mais com o uso de manteiga, gerou repúdio.

*A Lei do Desejo* é um filme dirigido por Pedro Almodóvar, lançado em 1987, tendo como gênero romance/drama. O diretor é amplamente conhecido por abordar temas como identidade, sexualidade, desejo e relações interpessoais em seus filmes. E

o filme segue essa linha, já que a trama gira em torno de um triângulo amoroso e de um caso de obsessão, envolvendo o protagonista Pablo (Eusebio Poncela), Antonio Banderas como Antonio, Carmen Maura como Cristina, Miguel Bosé como Juan e Rossy de Palma como Marisa. O filme mistura elementos de drama e comédia, com uma forte ênfase na representação da sexualidade e na busca de amor e aceitação. A obra é uma das mais emblemáticas da carreira de Almodóvar e é considerada um marco do cinema espanhol pela crítica, especialmente por seu tratamento inovador e pioneiro de temas LGBTQIAPN+. Foi aclamado também como uma das melhores representações de pessoas trans.

O filme brasileiro *Um Copo de Córnea* (1999) foi dirigido por Aluizio Abrantes e, baseado na obra homônima de Raduan Nassar, retrata a relação conflituosa entre um ex-ativista isolado no interior (Alexandre Borges) e uma jornalista (Júlia Lemmertz), marcada por sexo, dominação e explosões de raiva. A narrativa acompanha uma manhã após uma noite de sexo intenso, quando o homem entra em fúria ao descobrir que formigas destruíram sua cerca viva. A história explora temas como autoritarismo, repressão e desigualdade, refletindo de maneira simbólica e alegórica as tensões da ditadura militar no Brasil. O filme se destaca pela crueza das cenas de sexo e pela complexidade da relação dos protagonistas, que representam forças sociais contrastantes — o autoritarismo bruto e a resistência intelectual.

No dia da exibição, o filme gerou debates acalorados, especialmente sobre o protagonista masculino, descrito por muitos como machista, preconceituoso e difícil de suportar devido às suas longas divagações. Apesar disso, após uma conversa que contextualizou o filme, as pessoas reconheceram a intencionalidade desses traços na construção de um personagem marcado pelo egoísmo e pela solidão. As cenas de sexo também foram discutidas, mas, em geral, não causaram desconforto, sendo elogiadas por equilibrar a exposição dos corpos masculino e feminino e por sua função narrativa, ao invés de mero apelo visual. A produção provocou reflexões sobre as dinâmicas de poder e as contradições humanas, reafirmando sua relevância enquanto obra crítica e densa.

*De olhos bem fechados* (*Eyes Wide Shut*, no original) é um filme de Stanley

Kubrick, estrelado por Nicole Kidman e Tom Cruise. A obra britânico-estadunidense de 1999 tem como gêneros principais drama e suspense, mas nos leva por caminhos variados entre o erótico, o mistério e explora diversos temas da psique humana. A produção enreda um retrato psicológico profundo da sociedade, especialmente em relação às normas sociais e à repressão.

Bill, o protagonista, nos apresenta uma “cegueira moral e crítica”, seja voltada para suas próprias inseguranças, prepotências, e para a complexidade do mundo em que vive, não apenas no que diz respeito à sexualidade, mas também em relação ao status social, classe e poder. Além disso, vemos Kubrick utilizar o espaço, a música e a edição como táticas para criar uma imersão e tensão constante, o que torna tudo mais interessante. No debate após a exibição do filme, um fato ressaltado foi sobre Bill ficar recorrentemente visualizando a traição de sua esposa (que ocorreu somente em seu pensamento), mas, paralelamente, tentando fugir dessas imagens evocadas por sua mente. Esse poderoso e inóspito lugar do inconsciente, que o desejo reprimido permeia, afeta Bill, e começa a ser desenvolvido por meio da sua jornada do herói, com uma ambientação noturna e natalina, dentro de uma Nova York que passeia, simultaneamente, entre o familiar e o estranho.

#### **4. ENTRE O DEBATE E AS AVALIAÇÕES DE PARTICIPANTES**

Para além dos debates nos dias de exibição dos filmes, montamos um breve questionário para ser respondido de maneira anônima. As perguntas foram, respectivamente:

- Qual filme você assistiu essa semana?;
- O que você achou do filme desta sexta?;
- Você sentiu-se desconfortável com alguma cena de sexo explícito exibida no filme?;
- Caso tenha sentido desconforto, em qual cena foi?;
- O que você achou do debate após o filme?
- Alguma questão que você não havia pensado foi levantada?; e
- Faça aqui comentários sobre o filme ou algum outro aspecto.

O questionário nos permitiu ter acesso às impressões, que, muitas vezes, não foram explicitadas coletivamente por timidez ou algum outro motivo específico.

As respostas são interessantes, pois evidenciam o caráter subjetivo das mediações, ou decodificações, na conceituação de Hall (2016), que uma mesma obra pode provocar em diferentes sujeitos. Sobre o filme *A Criada*, por exemplo, as respostas a respeito de sentir incômodo ou não com as cenas de sexo variaram desde “não senti desconforto” a “senti incômodo, algumas cenas eróticas eram incomuns para mim”. Ou mesmo relatos como “Cenas de sexo são um pouco desconfortáveis em geral, não deixa de ser um tabu social. Mas, no caso do filme, foram feitas de maneira mais delicada, artística mesmo, sem ser exatamente explícito, violento, sem sentido dentro da narrativa, e afins”. Essas respostas nos despertam para um questionamento: até *onde* pode ir o sexo na tela de cinema?

Além disso, Isabel Wittmann (2017, s. pág.) propõe que o ponto central colocado em *A Criada* é a provação e tomada de narrativa feminina, em que as duas personagens tornam-se “(...) donas de suas ações e vidas. Literalmente rasgam a erótica que lhes foi imposta e que nada de prazeroso lhes fornecia, se recusando a entregar o que era esperado e explorando mutuamente seus corpos e outros prazeres”. O que nos faz questionar o papel da mídia tanto como reproduutora de uma realidade, mas também com a possibilidade de uma alteridade.

Em *Pobres Criaturas* apenas duas respostas apontam para um desconforto: “em especial as cenas no bordel onde tudo parecia mecanizado” e “teve uma das cenas que deixou implícito um ato de zoofilia de um marinheiro com uma ave, que achei completamente desnecessário: não agregou em nada a história, pelo menos pra mim”. Porém, o mais latente nos comentários foram as impressões sobre o debate, em que podemos enxergar uma sensação de esclarecimento e compreensão do papel desempenhado pela descoberta da sexualidade de Bella Baxter e como a personagem situa-se nesse mundo – que, no caso, é repleto de um processo de assujeitamento que desafia as normas sexuais da sociedade. O que retoma a discussão que Guacira Lopes Louro (2000) propõe, afirmando as diversas “regras” e formações diferenciadas para meninas e meninos, por exemplo, desde (antes) de seu nascimento.

Na conversa sobre *O Império dos Sentidos* houve comentários sobre como o sexo torna-se “só” mais um elemento, visto que são repetidas as cenas dos personagens tendo relações sexuais de diversas maneiras. A nudez infantil, o uso de alimentos para práticas sexuais e as condições pouco higiênicas retratadas são fatores que deixaram as espectadoras incomodadas. Nota-se isso, por exemplo, em uma das considerações escritas no formulário: “Achei um filme bem diferente dos filmes que já vi porque é um filme muito explícito, com cenas de sexo desconfortáveis e até mesmo nojentas”.

*Love* obteve uma avaliação quase unânime: “Achei um filme bem maçante e chato de assistir, principalmente por ele ser ‘narrado’ pela visão do Murphy”. Entre essas e outras críticas ao personagem principal, as cenas de sexo explícitas, que fizeram o filme ganhar notoriedade, não se revelaram na mostra como sensuais e provocativas; essas cenas reforçam, segundo quem assistiu ao filme, a mesma ótica masculina e autocentrada: não há troca verdadeira, nem desejo compartilhado, apenas uma objetificação que reflete o ponto de vista limitado do protagonista.

*O Último Tango em Paris* gerou impressões de revolta com o filme, o diretor e o personagem principal, uma vez que, a todo o tempo, os homens eram machistas com a protagonista, seja na relação dela com o personagem de Marlon Brando, seja no namoro convencional que mantém com o diretor de cinema. A cena em que Jeanne é estuprada retoma uma dimensão importante quando discutimos essas obras: o que está em cena e o que se deu por trás das câmeras, uma vez que diversas violências são perpetradas sobre o corpo feminino tanto dentro do set – em relação aos diretores e parceiros de gravação –, quanto nas produções. No formulário, uma pessoa relata: “É um filme que me deixou totalmente incomodada, por conta das falas do Paul sobre animais. E é um filme que possui poucas cenas de sexo, mas as poucas que tem são incômodas”.

Em *A Lei do Desejo*, vê-se um movimento de aceitação do conteúdo consumido na forma original sem uma abordagem excessivamente problematizadora. A resposta que evidencia isso sugere que “No debate foi falado que o diretor desse filme traz os assuntos sem problematizar ou militar, ele traz de uma forma tão natural que você nem questiona, simplesmente aceita. Isso era algo que eu não tinha

parado pra pensar na hora que vi o filme”. Infere-se que a debatedora, em confluência com o material original apresentado, abordou temas complexos de forma fluida e natural, permitindo ao público absorver a narrativa sem a imposição de uma análise crítica imediata. O que pode ter gerado no espectador uma aceitação espontânea e inconsciente das questões levantadas, sem questionamentos mais profundos, já que o próprio filme não aborda as questões de que trata de forma simples, negativa ou positiva, mas complexifica as relações humanas. Esse tipo de abordagem pode ser eficaz em tornar o conteúdo mais acessível, mas levanta questões sobre como essas representações influenciam a percepção do público sem que este se envolvaativamente em uma reflexão crítica sobre os temas tratados. Retornando a um dos principais questionamentos levantados pela mostra: a arte precisa se justificar?

*Um Copo de Cólica* não recebeu comentários no formulário, apesar de uma conversa proveitosa após a sessão, na qual discutimos sobre o papel do homem, dos ataques nervosos e do poder exercido por essa figura sobre as mulheres, nesse caso, a personagem de Julia Lemmertz. As discussões fervorosas do casal incomodaram – e motivaram – mais o debate do que a presença do sexo em si, que passa a ser visto, na reta final da mostra, como mais um elemento narrativo.

Já no contexto do filme *De Olhos Bem Fechados* as respostas apontam para um desconforto com o excesso de nudez feminina, quando comparada ao tempo de exibição da masculina. “Não exatamente, mas o fato de mostrar muito mais a nudez do corpo feminino do que do masculino é algo que me incomoda”. A pergunta “Caso tenha sentido desconforto, em qual cena foi?” traz a mesma resposta: “senti esse incômodo em cenas que a nudez do corpo feminino é muito mais explícita que a do masculino”. Uma outra avaliação do filme levanta questões sobre traição, moralidade, desejo feminino e o “male gaze”, ou o olhar masculino conceituado por Laura Mulvey (1975): “algo que me chamou atenção no filme é como o personagem interpretado pelo Tom Cruise não percebe que as mulheres pensam em sexualidade e que ele também não percebe a dele”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a concepção da mostra cinematográfica, as discussões durante as reuniões da equipe e a seleção das obras, nosso intuito foi refletir – e convidar à reflexão – sobre como as imagens e a produção cultural, cinematográfica e audiovisual representam os corpos – e principalmente os femininos, para quem estamos direcionando nosso olhar. E mais, como essas representações constroem sentidos sobre o que entendemos como sexualidade, sexo e prazer. É importante destacar que, nos tempos atuais, *Toda Nudez Será Castigada* também atua para combater discursos de ódio e violência contra corpos femininos, LGBTQIAPN+, entre outros. Nossa questionamento principal foi: como fabular uma política da representação sexual a partir de uma perspectiva de gênero?

A mostra deixa claro como a intervenção social na comunicação, e no jornalismo especificamente, está enraizada em processos de pesquisa que envolvem um arcabouço conceitual. Além de contribuir para a formação de repertório do público – majoritariamente formado por estudantes universitárias/os –, contribui para a formação de jornalistas e pesquisadoras/es em jornalismo e comunicação com perspectiva de gênero e sexualidade a partir das discussões e estudos que suscitam cada escolha de ação.

As respostas e impressões do público, como percebemos, foram variadas e podem mudar de acordo com cada experiência (já que caracterizam-se como sendo pessoais e subjetivas, ainda que mediadas coletivamente). No entanto, na missão de pensar em grupo e colaborar para o desenvolvimento crítico de futuras e futuros jornalistas (e outros profissionais), as mediações fizeram com que pudéssemos desmistificar, esclarecer e aprender sobre novas perspectivas dos temas que estavam sendo retratados ali. Tanto para a equipe do projeto, quanto para as pessoas que assistiram aos filmes e fizeram suas contribuições, os momentos em que analisamos essas obras foram de profundo aprendizado e reflexão.

## Referências:

Ariadnes. **Quem somos.** Ariadnes, 2025. Disponível em:  
<https://ariadnes.org/quem-somos/>. Acesso em: 16 mar. 2025.

BAUER, T. A. – O valor público da Media Literacy. **Revista Líbero** – São Paulo – v. 14, n. 27, p. 9-22, jun. de 2011. Disponível em:  
<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/issue/view/21>

BUCKINGHAM, David. **Media education** – literacy, learning and contemporary culture. Cambridge: Polity Press, 2003.

BURRUS, A.; RIVAS-LARA, S.; HINES, A.; UHLS, YT. Teens & Screens 2024. **Center for Scholars and Storytellers**, 2024.  
<https://www.scholarsandstorytellers.com/teens-screens-24> Acesso em: 14 mar. 2025.

CERIGATTO, M. P., & CASARIN, H. D. C. S. Contribuições da media literacy para a avaliação crítica de fontes de informação midiáticas. **Educomunicação e suas áreas de intervenção: Novos paradigmas para o diálogo intercultural**, (225-231), 2017. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/1> . Acesso em: 15 mar. 2025.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia.** Modos de educar na (e pela) TV. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002

GOMES BARBOSA, K.; DE SOUZA, F. A solidão das meninas negras: apagamento do racismo e negação de experiências nas representações de animações infantis. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 75–96, 2018. Disponível em:  
[https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/20239](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/20239). Acesso em: 15 mar. 2025.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; Apicuri, 2016.

LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. **MATRIZes**, v. 4, n. 2, p. 11-42, 2011.  
<DOI:https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v4i2p11-42>.

LIVINGSTONE, S. Active Participation or just more information? Young people's take up of opportunities to act and interact on the internet. **Information, Communication & Society**, v. 8, n. 3, p. 287-314, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em:  
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 10 mar. 2025.



Spinelli EM. Comunicação, Consumo e Educação: alfabetização midiática para cidadania. **Intercom**, Rev Bras Ciênc Comun [Internet]. (2021). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-58442021307>.

STEVENS, Dana. **Going All the Way**: The late Nagisa Oshima's erotic, transgressive In the Realm of the Senses isn't about sex. It is sex. 2013. Disponível em: <https://slate.com/culture/2013/01/nagisa-oshimas-in-the-realm-of-the-senses-sexviolence-and-beauty.html>. Acesso em: 15 mar. 2025.

WITTMANN, Isabel. A Criada (Ah-ga-ssi, 2016). **Estante da sala**: cinema e assuntos relacionados. 07/01/2017. Disponível em: <<https://estantedasala.com/a-criada>> Acesso em: 15 mar. 2025.